
DA LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO À CULTURA E EDUCAÇÃO

Mauro Maia Laruccia

Doutor em Comunicação e Semiótica – PUC/SP

Mestre em Administração – PUC/SP

mauro.laruccia@terra.com.br

RESUMO

Este artigo parte do princípio que homem é um ser social porque é dotado de linguagem, capaz de se comunicar e de exprimir significados. A sociedade só existe por causa da comunicação; o mundo se transforma porque as experiências vivenciadas e as descobertas feitas pelo homem são transmitidas, são aprendidas via educação; os saberes são compartilhados. O objetivo da educação é a *transmissão* sistemática de conteúdos de conhecimentos produzidos e acumulados pela humanidade historicamente que, ao mesmo tempo, assegurem aos alunos a apropriação ativa destes conhecimentos para que se possam reelaborar novos conhecimentos, em uma crítica baseada na compreensão científica da realidade. Sejam quais forem os métodos e procedimentos, isto é, meios aos quais recorra, o educador deve necessariamente comunicar-se com o educando. Podemos sustentar que comunicação é educação e educação é comunicação, e que o conhecimento do processo da comunicação é indispensável a quem quer educar. Baseado na estrutura do modelo de comunicação face-a-face podemos desenvolver um modelo para demonstrar como os diferentes elementos (agentes) da relação ensino-aprendizagem interagem para comunicar-se de forma efetiva, isto é, para que haja o aprendizado do educando ao apropriar-se da mensagem. Como resultado, os professores precisam, também, conhecer como a comunicação funciona.

Palavras-chave: Linguagem; Comunicação; Educação.

LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

A linguagem humana, historicamente, tem sido abordada de maneiras distintas assim sintetizadas: a) como representação (“espelho”) do mundo e do pensamento; b) como instrumento (“ferramenta”) de comunicação; e c) como um tipo de ação ou interação (KOCH, 1998, p. 9).

Nessa longa história humana, um marco foi Platão em *Crátilo apud Gadamer* (1997, p. 590-636), com sua teoria das formas puras e reais, ou idéias em si, objeto de percepção mental, em que todo concreto no mundo participa e torna-se objeto de percepção sensorial e nesse mundo ilimitado ou imaterial das formas, a linguagem é um instrumento (*organon*).

Na abertura da sua obra *A Política*, Aristóteles (1998, p. 5) afirma que o homem é um ser social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. Para Aristóteles os humanos não são simplesmente dotados de voz (*phone*), pois dela são dotados muitos animais, e sim dotados de linguagem, isto é, não só são capazes de se comunicar, como a maioria dos animais, mas também de exprimir uns para os outros significados, opiniões, valores e idéias através da palavra (*logos*). “A linguagem é o corpo do pensamento, sua manifestação visível e sua dimensão comunitária”, afirma Chauí (2002, p. 427).

Wittgenstein (1996) sustentou que a linguagem nos fornece um retrato do mundo. E, quando analisada até suas proposições mínimas, podem representar o todo da realidade, todos os fatos – porque as proposições e a realidade têm a mesma forma lógica. *Elas não podem ser ilógicas*. Os limites da linguagem são os limites do pensamento. Nesse sentido, não podemos ir além da linguagem.

No Ensaio sobre a Origem das Línguas, Rousseau (1978, p. 178) escreve: "A palavra distingue os homens entre os animais; a linguagem, as nações entre si — não se sabe de onde é um homem antes de ter ele falado." Para Rousseau a língua nasce de uma profunda necessidade de comunicação, e acrescenta: "Desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a ele próprio, o desejo ou a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isso."

A linguagem permite ao homem distinguir as coisas, defini-las e constata-las. A linguagem humana intervém como forma abstrata que distancia o homem da experiência vivida, tornando-o capaz de reorganizá-la numa outra totalidade dando um novo sentido, enquanto a linguagem animal visa à adaptação a uma situação concreta. É pela palavra que somos capazes de nos situar no tempo, lembrando o que ocorreu no passado e antecipando o futuro pelo pensamento. Enquanto o animal vive sempre o presente, as dimensões humanas se ampliam para além de cada momento.

O lingüista Hjelmslev (1978), em *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, afirma que "a linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos" e afirma:

A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana" (HJELMSLEV, 1978).

Hjelmslev (1978) afirma, ainda, que a linguagem é "o recurso último e indispensável para o homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador."

Hjelmslev (1978) salienta que a "linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho." A linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, do pensamento e das artes, da vida social e política e das organizações. "O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente¹ ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso: a própria fonte do desenvolvimento dessas coisas."

Lúcia Santaella (1996:65) ressalta que o homem só pode sobreviver porque desenvolveu a capacidade de "projetar, planejar, programar o futuro." O homem é investido da capacidade simbólica, ou seja, da faculdade da linguagem. Santaella sustenta que essa capacidade simbólica ou linguagem dá acesso à compreensão e à busca do conhecimento. Não há conhecimento e percepção sem linguagem, afirma Santaella. "Há qualquer momento, acordados ou dormindo, somos linguagem, somos pensamento. Dormindo, sonhamos e o sono é linguagem, uma estranha espécie de pensamento."

Para Chauí (1999:139-140), durante muito tempo a filosofia preocupou-se em definir as origens da linguagem, preocupação que levou à seguinte conclusão: a linguagem como capacidade de expressão dos seres humanos é natural, isto é, os humanos nascem com uma aparelhagem física, anatômica, nervosa e cerebral que lhes permite expressarem-se pela palavra; por outro lado, as línguas são convencionais, isto é, surgem de condições históricas, geográficas, econômicas e políticas determinadas, isto é, são fatos culturais.

Martinet (1967:11-12) define a linguagem como uma "instituição humana", designa a faculdade de que os homens dispõem para se compreenderem via signos vocais. Essa instituição é essencialmente um instrumento de comunicação, bem como sua função reside na comunicação. Já a língua, em contradição à linguagem para Martinet é assim resumida:

Uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável para a comunidade, analisa-se a experiência humana em unidades providas de

¹ Emaranhado; enredado, intrincado, intrincando. In: Ferreira, 1986:941.

conteúdo semântico e de expressão fônica – os monemas. Essa expressão fônica articula-se por sua vez em unidades distintas e sucessivas – os fonemas – de número fixo em cada língua e cuja natureza e relações mútuas também diferem de língua para língua (MARTINET, 1967, p. 17-18).

Podemos dizer que a linguagem é a transmissão de estados mentais através de símbolos. Já a comunicação trata de atos comunicativos ou sêmicos. Nasce de uma intenção de influenciar os semelhantes a fim de obter deles uma colaboração social. Um ato comunicativo é, portanto, portador de uma significação intencional.

Omar Calabrese (1985, p. 15-16) define comunicação no sentido moderno, isto é, “toda transmissão de informação obtida mediante a emissão, condução e recepção de uma mensagem”. Trata-se, em suma, de um processo socializado, no qual a informação passa entre dois interlocutores (não necessariamente seres humanos), através de um suporte físico (um canal) e por meio de um código (um conjunto de regras para segmentar sistematicamente o material físico portador de um conteúdo também sistematicamente segmentado; e ainda um conjunto de regras para combinar o primeiro com o segundo). Como se pode ver, a “comunicação” é um fenômeno complexo que possui numerosos elementos em jogo: a natureza dos participantes (emissor e receptor), a natureza do canal utilizado (que pode ser desde as ondas sonoras até a luz), a natureza do código (que pode ser desde as regras da língua falada até a linguagem do computador), a natureza das mensagens transmitidas mediante códigos, o processo de emissão e de recepção. Cada um dos fenômenos participantes do processo comunicativo pode ser estudado em sua especificidade e pode dar lugar a pontos de vista diferentes sobre a própria comunicação (CALABRESE, 1985, p. 15-16).

Barbara Stanosz (1986), cuja formulação é de caráter pragmático, define que “comunicação é a resposta discriminada de um organismo a um estímulo”. A informação é produzida num sistema qualquer (estimulador) e destinada a afetar um organismo (estimulado). O processo da comunicação corresponderia então ao dinamismo induzido pela resposta discriminada ao primeiro estímulo (input-output), que desencadeia novos estímulos e respostas recíprocas.

Várias formulações preocupam-se em delimitar o fenômeno que construirá o espectro de um ato de comunicativo antes de generalizar um conceito que sirva para todas as modalidades comunicativas. Desse modo, para os pragmáticos, é a finalidade ou objetivo da

troca que definirá a natureza de ato comunicativo; para os comportamentalistas, é a intenção que modula a transmissão de informações; e ambos dão grande valor ao emissor.

Já para Pierre Lévy, em *As Tecnologias da Inteligência*, o jogo da comunicação consiste em, através de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros (LÉVY, 1996, p. 22).

...só há comunicação verdadeira quando os interlocutores compreendem ou interpretam os enunciados que lhes são destinados. Mas o que significa dar sentido a um enunciado? Em sentido muito restrito, compreender uma proposição é imaginar a que mundo se assemelha se ela fosse verdadeira. Em outros termos, significa estabelecer uma correspondência entre representações proposicionais (o enunciado a interpretar) e modelos mentais, eventualmente construídos para a ocasião (o sentido do enunciado) (LÉVY, 1998, p. 125).

E vai mais adiante, para ele "a comunicação perfeita seria telepática, e ainda assim... Poderíamos transmitir por telepatia, suspenso em uma representação mental, o imenso rizoma que depende da carne e da própria história do sujeito e de seu mundo, o hipertexto indefinido que nutre, propaga e difrata o sentido da mínima representação? Seria preciso que o outro se tornasse si..." (LÉVY, 1998, p. 134).

De acordo com Winfried Nöth (1995a, p. 169-170), para definir comunicação, deve-se tentar separar a esfera dos fenômenos comunicativos da esfera dos fenômenos não-comunicativos. Entretanto, em vez de postular uma clara ruptura entre os fenômenos comunicativos e não comunicativos, pode-se conceber uma transição gradual que vai dos modos de interação proto-comunicativa mais rudimentares até os mais complexos.

Na teoria dos sistemas, a comunicação é entendida com uma interação entre dois sistemas quaisquer. Georg Klaus apud Nöth (1995a, p. 170) define a comunicação como "troca de informações entre sistemas dinâmicos capazes de receber, estocar ou transformar informações". Essa definição mais geral contempla a comunicação humana e a comunicação tecnológica entre homem e máquina e entre máquina e máquina.

Baseado no critério de interação mútua entre organismos, pode observar o conceito bastante amplo de comunicação de Shannon & Waever (1949, p. 3), que a definem como "todos os procedimentos pelos quais uma mente pode afetar outra. Isto, obviamente, envolve não apenas o discurso oral e escrito, como também música, artes visuais, teatro, balé, e, certamente, todo o comportamento humano.

Umberto Eco (1997a) esclarece que,

...um processo comunicativo como a passagem de um Sinal (que significa necessariamente 'um signo') de uma Fonte, através de um Transmissor, ao longo de um Canal, até um Destinatário (ou ponto de destinação). Nesse processo quando "de máquina a máquina, o sinal não tem nenhum poder 'significante': ele só pode determinar o destinatário sub specie stimuli. Não existe aí significado, embora se possa dizer que existe passagem de informação." Mas, "quando o destinatário é um ser humano (e não é preciso que também a fonte o seja para emitir um sinal conforme as regras conhecidas do destinatário humano), vemo-nos, ao contrário, em presença de um processo de significação, desde que o sinal não se limite a funcionar como simples estímulo, mas solicite uma resposta INTERPRETATIVA por parte do destinatário (ECO, 1997, p. 5-6).

O processo de significação só se verifica quando existe um código (um sistema de significação) que une entidades presentes e ausentes. Assim, um sistema de significação é um "constructo semiótico autônomo", com modalidades de existência de todo abstratas, independentes de qualquer ato comunicativo possível que as atualize. Desse modo, "todo processo de comunicação entre seres humanos — ou entre quaisquer outros tipos de aparelhos 'inteligentes', tanto mecânicos quanto biológicos — pressupõe um sistema de significado como condição necessária" (ECO, 1997a, p. 6).

Na questão da intencionalidade, quando um emissor deseja conscientemente influenciar seu receptor e a resposta deste se baseia na hipótese das intenções do emissor, essa comunhão intensa entre as partes não deixa qualquer dúvida quanto à existência de um processo de comunicação.

A interpretação bem como sua presença necessária nas relações comunicativas está ligada tanto com a operação de tradução das informações recebidas ao repertório e às contingências culturais do destinatário quanto ao deciframento do código de transmissão (a língua, a gestualidade, a leitura do ambiente, algoritmos, etc.) (ECO, 1997a, p. 6-7).

DeVito (1997, p. 20-31) definiu que "a comunicação humana é um pacote de signos; a comunicação humana é um processo de ajustamento; a comunicação envolve conteúdo e dimensões relacionais; as seqüências comunicativas são pontuadas; a comunicação envolve transações simétricas e complementares; a comunicação é transacional; a comunicação é inevitável, irreversível e irrepetível".

Para Santaella (2001, p. 22) duas pessoas podem estar utilizando o mesmo sistema de linguagem, mas a comunicação só irá ocorrer via um processo de acomodação ou ajustamento contínuo, muito mais necessário entre pessoas de gerações, culturas e classes sociais diferentes. Embora a comunicação seja uma transação contínua, podemos, ao participar do processo, segmentar esse fluxo contínuo em pequenos pedaços que são chamados de causas

ou estímulos e respostas ou efeitos. Assim, quando a comunicação é vista como um processo transacional, cada pessoa é, ao mesmo tempo, emissor e receptor, simultaneamente enviando e recebendo mensagens.

As relações comunicativas podem ser simétricas e complementares. Nas simétricas, os indivíduos envolvidos espelham o comportamento um do outro; nas complementares, o comportamento de um serve como estímulo para o comportamento complementar o outro.

A comunicação é inevitável porque, mesmo quando não queremos, estamos o tempo todo emitindo mensagens para o outro não sendo possível voltar atrás naquilo que já foi comunicado, da mesma forma que a comunicação é irrepitível, pois todos estão continuamente mudando. Mesmo quando lemos um livro, ou assistimos a um mesmo filme pela segunda vez, esse filme não será para nós o mesmo filme.

Nesse panorama, dos traços comuns a todas as definições que foram enunciadas acima, podemos extrair uma definição ampla e geral da comunicação: “a transmissão de qualquer influência de uma parte do sistema vivo ou maquinal para uma outra parte, de modo a produzir mudança. O que é transmitido para produzir influência são mensagens, de modo que a comunicação está basicamente na capacidade de gerar e consumir mensagens” (SANTAELLA, 2001, p. 22-23).

Para Thomaz A. Sebeok (1997)

O processo de intercâmbio de mensagens, ou semiose — capacidade de contenção, duplicação e expressão de mensagens, de extrair sua significação — é uma característica indispensável para todas as formas de vida terrestre. A comunicação pode ser encarada como a capacidade de geração de mensagem e do consumo de mensagens, que é comumente atribuído aos humanos, está presente nas formas mais humildes da existência, sejam bactérias, plantas, animais ou fungos, e, além disso, em suas partes componentes

Norbet Wiener (1978, p. 17-18) entende a comunicação como um processo de troca de informações, isto é, aquilo que "permutamos com o mundo exterior ao ajustar-nos a ele e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido. O processo de receber e utilizar informações é o processo de nosso ajuste às contingências do meio ambiente de nosso efetivo viver nele."

Há uma tendência no sentido de encarar a Teoria da Informação como o estudo da estruturação da mensagem formalmente considerada, isto é, estuda o código e trata do sistema (conjunto de elementos e suas normas de combinação), preocupando-se com a elaboração de

uma mensagem que promova uma alteração de comportamento em seus receptores. A Teoria da Comunicação estuda o relacionamento mensagem-fonte-receptor, isto é, volta-se para o conjunto mensagem-homem. A comunicação é o processo - seqüência de atos espaço-temporalmente localizados (COELHO NETTO, 1996, p. 121).

Assim, devemos utilizar "a expressão Teoria da Informação no seu significado abrangente, isto é, de modo a compreender também a comunicação, uma vez que não há informação fora de um sistema qualquer de sinais e fora de um veículo ou meio apto a transmitir esses sinais" (Pignatari, 1986, p. 12). A análise informacional preocupa-se com a redução de uma incerteza em que se encontra um indivíduo. "Sem informação não há mensagem, não há planejamento, não há reprodução, não há processo e mecanismo de controle e comando" (SANTAELLA, 1983, p. 13).

Lúcia Santaella (1993, p. 53-85), apoiada na teoria dos signos de C.S.Pierce, entende a informação² pelo ponto de vista do receptor como sendo, grosso modo, tudo que é captado pelos órgãos dos sentidos — elementos ou perceptos emitidos pelo fenômeno externo ou objeto dinâmico — e configurado pela mediação do signo. Assim, podemos inferir que a informação não é apenas um dado portador de sentido (ou novidade), mas também o próprio sentido "embalado" como matéria-prima para consumo (um signo).

Santaella (1996) esclarece ainda que:

Os signos, ou elementos componentes das mensagens, são, por si mesmos, realidades materiais, concretas. Todas as mensagens, por mais evanescentes ou imateriais que pareçam, estão sempre encarnadas no corpo dos signos. No entanto, [...] para serem transportadas, transmitidas, para que o processo de comunicação se efetive, as mensagens necessitam de um canal. Este pode receber outros tipos de denominação, tais como suporte, veículo, meio etc., mas a função é sempre a mesma: a de que as mensagens, nas quais os processos sígnicos (ou processos de linguagem) se configuram, sejam transmitidas de uma fonte a um destino (SANTAELLA, 1996, p. 185).

Para Abraham Moles apud Coelho Netto (1996, p. 122), “a mensagem é um grupo ordenado de elementos de percepção extraídos de um repertório e reunidos numa determinada estrutura.”

As tentativas de controlar a perda de significado da linguagem, afirma Wiener (1978),

² Informação significa dar ou receber uma forma. É um elemento de conhecimento trazido através de uma mensagem que é o seu suporte e de que ela constitui a significação. Quando as mensagens são redigidas segundo um código determinado, pode-se avaliar a informação que uma mensagem, com características dadas, transmite, introduzindo unidades de informação (Lalande, 1999:1275).

derivam do fato de que não é a quantidade de informação enviada que é importante para a ação, mas, antes, a quantidade de informação que, penetrando num instrumento de comunicação é armazenagem, seja o bastante para servir como disparador da ação. [...] Informação semanticamente significativa, na máquina como no homem, é a informação que chega a um mecanismo ativador no sistema que a recebe, a despeito dos esforços do homem e/ou da Natureza para corrompê-la (WIENER, 1978, p. 92-93).

A idéia de informação³ sempre esteve ligada à idéia de seleção e escolha. A informação refere-se não a que "espécie de informação" mas a "quanta informação", sendo que só pode haver informação onde há dúvida. E dúvida implica a existência de alternativas, escolha, seleção e discriminação (PIGNATARI, 1986, p. 40).

Com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, as mídias [meios, instrumentos e técnicas] se multiplicam aumentando a movimentação, interação e interpretação contínua das culturas espalhadas pelo planeta. Podemos dizer de maneira geral que a comunicação ocorre quando uma informação é enviada de um emissor para uma receptor. Dessa forma, a informação tem um papel importante em todo o processo comunicativo e educativo e na cultura.

As novas formas de conteúdos de linguagens que produzem simultaneamente novas estruturas de pensamento, modalidades diferentes de apreensão e intenção, são produzidos por qualquer novo meio de produção de linguagens e de processos comunicativos (SANTAELLA, 1996, p. 135).

COMUNIDADE E CULTURA

A sociedade só existe porque existe a comunicação; o mundo se transforma porque as experiências vivenciadas e as descobertas feitas pelo homem são transmitidas, são aprendidas; os saberes são compartilhados e toda a interação humana, seja de aproximação harmônica ou de afastamento conflituoso, está em relação direta com o universo da palavra, através das inscrições deixadas pelos sulcos na tábulas⁴, com o manipular do estilo, ou na matéria

³ "*dados que foram modificados para uma forma significativa e útil para seres humanos*" (Laudon & Laudon, 1999:379).

⁴ Pequena placa de madeira, marfim ou metal, escavada para conter camada de cera, na qual os romanos escreviam com um estilo; códex, pugilar. [Usava-se freqüentemente em grupos de duas, três, cinco ou mais unidades (*díptico, tríptico, pentáptico, políptico*), ligadas por charneiras, formando conjunto, igualmente

resistente, pela sua concretude física, à insistência do estilete. Ou ainda pelo ressoar de vozes longínquas que vão deixando aqui e ali as suas marcas. E daí nasce a história e as histórias, nasce a educação.

O homem, no decorrer de seu percurso histórico-cultural, sempre desenvolveu continuamente novos instrumentos, artefatos, técnicas, meios, para atuar e trabalhar. Ao transformar a natureza, com a utilização desses artefatos, o homem torna possível a recolocação de cultura, resultando dessa ação um mundo que não podemos chamar de natural. McLuhan (1964) observou que toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo, uma vez que os ambientes não são envoltórios passivos e sim processos ativos.

Na cultura ocidental, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, lembramos que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem, isto é, que as conseqüências sociais e pessoais de qualquer meio ou instrumento, ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos, constituem o resultado do novo padrão introduzido em nossas vidas, nossa cultura, por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. "A reestruturação da associação e do trabalho humanos foi moldada pela técnica da fragmentação, que constitui a essência da tecnologia da máquina." (MCLUHAN, 1964, p. 21-22). Esses dispositivos são extensões dos órgãos humanos dos sentidos e, como tais, são capazes de simular e ampliar as funções desses órgãos. Isso explica por que eles se tornaram crescentemente refinados que penetram na cultura.

A palavra cultura possui vários significados, tais como a cultura da terra ou a cultura do homem letrado. Os antropólogos afirmam que a cultura faz parte do comportamento aprendido por um indivíduo de um grupo específico e que compartilha com outros, ou que as culturas diferem nas coisas materiais utilizadas, na forma como lidam com o espaço e o tempo, no que valorizam e na forma como entendem a cultura no seu próprio contexto.

A cultura de um dado grupo reflete o que aquele grupo aprendeu através da resolução de problemas particulares no decorrer de sua própria história. Geralmente os valores são baseados nos valores e crenças dos fundadores daquele grupo. Se o grupo tem sucesso, e o sucesso se repete, o que originalmente era o valor e crença dos fundadores se torna válido nas

chamado *códex*, que se fechava como um livro e podia receber atacas, as quais se lacravam quando continham mensagens sigilosas. Var.: *távola*.] In: Ferreira, 1986:1639.

¹⁵⁰ Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 4, n. 2, p. 141-166, jan./jun. 2010.

experiências dos grupos. Os valores assumidos ganham estabilidade em parte pelo fato de que eles fornecem significado, estrutura e previsibilidade aos membros do grupo.

Shukman, um semiótico citado em Santaella (1996, p. 28), define a cultura como

a totalidade dos sistemas de significação através dos quais o ser humano, ou um grupo humano em particular, mantém a sua coesão (seus valores e identidade e sua interação com o mundo). Esses sistemas de significação, usualmente referidos como sendo sistemas modeladores secundários (ou a linguagem da cultura), englobam não apenas todas as artes (literatura, cinema, pintura, música, etc.), as várias atividades sociais e padrões de comportamento, mas também os métodos estabelecidos pelos quais a comunidade preserva sua memória e seu sentido de identidade (mitos, história, sistema de leis, crença religiosa, etc.) Cada trabalho particular de atividade cultural é visto como um texto gerado por um ou mais sistemas.

Esses sistemas de significação operam e compartilham códigos e convenções entre os membros de um grupo social. Na verdade, os códigos desses sistemas secundários são internalizados em diferentes estágios pelos indivíduos durante seu desenvolvimento e educação. "Toda troca cultural envolve, portanto, algum ato de 'tradução', na medida em que um receptor interpreta a mensagem de um emissor através de seu(s) código(s) apenas parcialmente compartilhado(s)" (SANTAELLA, 1996, p. 28). A comunicação dentro de uma cultura estimula a formação de um número cada vez maior de novos códigos para compensar a não adequação dos códigos existentes.

Umberto Eco (1997a), Claude Lévi-Strauss (1963) e Roland Barthes (1988) exploraram a carga simbólica inserida em toda produção de bens da sociedade. Conseqüentemente, tratar e compreender o valor simbólico dos produtos de uma certa cultura é achar as chaves que nos fornecerão sua compreensão. A função de produção de sentido, que é própria de toda cultura, marcará o cotidiano de seus membros em relação à alimentação, à linguagem, à higiene, ao trabalho, ao tempo e à morte.

Se aceitarmos o termo "cultura" no sentido antropológico, encontraremos de imediato três fenômenos culturais elementares que, em aparência, não possuem qualquer função comunicativa, nem qualquer caráter significativo segundo Eco (1997a): (1) a produção e o uso de objetos que transformam a relação homem-natureza; (2) as relações familiares como núcleo primário de relações sociais institucionalizadas; (3) a troca de bens econômicos. Esses três fenômenos não foram escolhidos por serem formadores de toda cultura junto com o nascimento da linguagem verbal articulada, "mas foram escolhidos ao mesmo tempo como objetos de estudos semio-antropológicos que tendiam a mostrar que a cultura, como um todo,

é um fenômeno de significação e de comunicação, e que humanidade e sociedade só existem quando se estabelecem relações de significação e processos de comunicação" (ECO, 1997a, p. 16).

A análise de Lévi-Strauss da estrutura de parentesco é um exemplo das analogias que ele descobriu entre cultura e linguagem: "como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação somente se estão integrados em sistemas. 'Sistemas de parentesco', como 'sistemas fonêmicos', são construídos pela mente no nível do pensamento inconsciente" (LÉVI-STRAUSS, 1963, p. 34). Sistemas de parentesco expressam regras de casamentos proibidos, por exemplo, o tabu do incesto e, em certas culturas, prescrevem certas categorias de parentes que devem ser casados. Em algumas sociedades primitivas, existem regras formam um sistema de troca, em que as mulheres são trocadas por homens, criando, assim, o parentesco como um sistema de comunicação, uma linguagem, em que as mulheres são as mensagens trocadas entre clãs, linhagens ou famílias (LÉVI-STRAUSS, 1963, p. 61).

Nesses sistemas, Lévi-Strauss (1963) isolou unidades mínimas de parentesco como as estruturas elementares de uma sociedade. Essas estruturas, contudo, não são dadas biologicamente, mas representam um simbolismo cultural. "O que confere ao parentesco seu caráter sócio-cultural não é o que ele retém da natureza, mas a maneira essencial pela qual ele diverge da natureza. Um sistema de parentesco [...] existe somente na consciência humana; ele é um sistema arbitrário de representações" (LÉVI-STRAUSS, 1963, p. 50). Dessa forma, um padrão de parentesco não é somente um sistema de comunicação com estruturas binárias, como pai/filho, irmão/irmã etc., mas também, como a linguagem, caracterizado pelo traço da arbitrariedade.

Para Barthes (1988, p. 106) dizer que a cultura se opõe à natureza é incerto, porque não se sabe com precisão onde ficam os limites de uma ou de outra: onde está a natureza do homem? O homem precisa de uma linguagem para se dizer homem, isto é, precisa da própria cultura. Biologicamente, encontram-se hoje no organismo vivo as mesmas estruturas que no sujeito falante: a própria vida está construída como uma linguagem. Em resumo, tudo é cultura, da roupa ao livro, da comida à imagem, e a cultura está por toda parte, de uma porta à outra das escalas sociais.

Ao discutir a natureza e o papel da cultura de massa na civilização ocidental, Edgar Morin (1997, p. 171-172) acrescenta que a técnica transforma as relações entre os homens e as relações entre o homem e o mundo; ela objetiva, racionaliza e despessoaliza. Tudo parece

dever reduzir-se a algarismos com uma coisificação tecnicista que é preciso distinguir da "reificação" mítica, com a necessidade de possessão, bem como há uma alienação propriamente moderna nascida da quantificação e da abstração. Morin (1997, p. 172) acrescenta:

A cultura de massa é o produto das técnicas modernas; ela traz sua parte de abstração, substituindo as imagens pelos corpos, mas é ao mesmo tempo uma reação contra o universo das relações abstratas. Ela opõe ao real abstrato e coisificado a desforra imaginária da qualidade e do concreto. Ela humaniza, pela técnica, contra a técnica, povoando o mundo técnico de presenças — vozes, músicas, imagens. Assim como os arcaicos estavam cercados de fantasmas, espíritos, sócias onipresentes, também nós, civilizados do século XX, vivemos num universo em que a técnica ressuscita essa antiga magia.

Manuel Castells (1999) afirma que a comunicação simbólica entre os seres humanos e o relacionamento entre estes e a natureza, com base na produção (e seu complemento, o consumo), experiência e poder, cristalizam-se ao longo da história em territórios específicos, e assim geram culturas e identidade coletivas (Castells, 1999, p. 33).

De acordo com Chauí (1999, p. 296), desde a filosofia da história e da antropologia podemos distinguir dois grandes tipos de cultura: a das comunidades e a das sociedades. Uma comunidade é uma coletividade em que as pessoas se conhecem, tratam-se pelo primeiro nome, possuem contatos cotidianos face a face, compartilham os mesmos sentimentos e possuem um destino comum. Já uma sociedade é uma coletividade internamente dividida em grupos e classes sociais na qual há indivíduos isolados uns dos outros.

A comunidade é baseada nos mitos fundadores ou narrativas sobre sua origem e sobre o que nela aconteceu, acontece e acontecerá, capturando o tempo e oferecendo explicações satisfatórias para todos sobre o presente, o passado e o futuro, criando a mesma cultura para todos os seus membros, que nas organizações é denominada de cultura organizacional. Em uma sociedade, porém, cada classe social procura explicar a origem da sociedade e de suas mudanças, havendo, conseqüentemente, diferentes explicações para o surgimento, a forma, e a transformação sociais.

Os grupos dominantes narram a história da sociedade de forma diferente e oposta à narrativa dos grupos dominados, gerando concepções diferentes e contrárias sobre os motivos dos acontecimentos a respeito da origem da sociedade e sua transformação. Enquanto o mito unifica o tempo comunitário, as histórias sociais modificam as interpretações sobre as causas e os efeitos temporais. Da imposição da cultura dos dominantes à sociedade inteira, como se

todas as classes e todos os grupos sociais pudessem e devessem ter a mesma cultura, resulta a ideologia (CHAUI,1999, p. 296).

Na comunidade a vida cotidiana é partilhada com os outros em uma interação social. A mais importante experiência ocorre na situação de estar face a face com o outro. Nessa situação, o outro é apreendido por mim e por ele num vivido presente partilhado por nós dois. Meu hic et nunc e o dele colidem continuamente um com o outro enquanto dura a situação face a face. Como resultado há um intercâmbio contínuo entre minha expressividade e a dele.

Essa realidade contém esquemas tipificadores em termos dos quais os outros são apreendidos, sendo estabelecidos os modos como lidamos com eles nos encontros face a face. Assim apreendo o outro como "homem", "comerciante", "meia-idade", etc. Todas essas tipificações afetam continuamente uma interação, quando, por exemplo, decido divertir-me com "ele" antes de tentar vender-lhe um produto qualquer. Nossa interação face a face será modelada por estas tipificações, pelo menos enquanto não se tornam problemáticas por alguma interferência da parte dele.

As tipificações da interação social tornam-se gradativamente anônimas à medida que se afastam da situação face a face, acarretando uma anonimidade inicial. Entretanto, logo que o outro se torna acessível, ele romperá e se manifestará como um indivíduo único e, portanto, atípico como um amigo, cliente, etc.

O ser humano não vive em círculo fechado, afirma Chanlat (1996). As interações com o outro concentram-se principalmente em três categorias. Inicialmente, podem consistir em um face a face com um pequeno número de pessoas. Elas podem, por sua vez, remontar à relação que um indivíduo pode manter com a multidão e, por fim, ela pode se referir à relação que um grupo mantém com outro grupo.

A utilização das novas tecnologias de comunicação em nosso cotidiano oferece uma possibilidade de modernidade ao penetrar nas comunidades (organizações) e na cultura através da virtualização dos instrumentos com novas formas de interação homem-máquina-homem. Modernidade na qual aparelhos conectados em computadores e conectados em rede criam sistemas que nos permitem interagir, criar, distribuir e receber formas multimídia digitalizadas dentro de um mesmo ambiente, onde "a mídia é o suporte ou veículo da mensagem (LÉVY, 1999, p. 63).

É importante lembrar o que McLuhan (1964) observou em relação aos meios — os media — que o homem engendra ao articular o processo básico constitutivo da sociedade, que

é o da comunicação. Os meios de comunicação, isto é, tudo aquilo que serve para vincular o homem ao homem, desde a fala comum até a TV, passando pelos meios de transporte, moeda e palavra impressa, e as organizações, são, para McLuhan, "extensões do homem": formam o meio ambiente no qual ele se move, se projeta e se forma. Aos sentidos — visão, audição, tato, olfato — correspondem outras tantas e diversificadas "extensões" possíveis. O telefone é extensão do ouvido, o livro o é da visão, assim como a roda amplia e modifica as funções do pé humano. O ambiente criado pelo homem, incluindo as organizações — o seu environment —, é uma segunda natureza, e forma o próprio homem, ao moldar os seus padrões de percepção do mundo e de si próprio.

McLuham apud Santaella (1996, p. 135), observa:

Qualquer nova tecnologia de comunicação ou não, mas principalmente a de comunicação, tende inevitavelmente a criar seu respectivo meio ambiente humano e social. Ambientes tecnológicos não são recipientes puramente passivos de pessoas, mas processos ativos que remodelam não só pessoas, mas também outras tecnologias.

Derrick de Kerckhove (1997) afirma que, na simulação e extensões dos nossos sistemas nervosos, repletos de próteses tecnológicas da visão, audição, toque e, agora, até o cheiro viajam através de padrões de corrente elétrica. A maior parte das tecnologias eletrônicas não se dirige ao abandono do corpo, mas à reutilização da vida sensível de modo a acolher a mente privada e coletiva (KERCKHOVE, 1997, p. 247).

Relaciono-me com o mundo das comunicações instantâneas e universais através do meu ponto de existência e não do meu ponto de vista. Só há lugar onde estou completamente, esse lugar é debaixo da minha pele, mesmo que essa pele e as suas extensões sensíveis assistidas tecnologicamente atinjam limites que vão além dos da visão, tacto e audição. [...] a interactividade é tacto (KERCKHOVE, 1997, p. 248).

Cada vez mais a comunicação através das máquinas vem sendo desenvolvida por processos de interação intuitivos, metafóricos e sensório-motores em agenciamentos informáticos, imbricados e integrados aos sistemas de sensibilidade e cognição humana. A própria noção de máquina vem sendo substituída por conexões mais fluidas das interfaces, através das quais os computadores vão crescentemente se potencializando para novas interações.

Nesse sistema interativo a função do agente humano não é restrita ao controle e intervenções ocasionais. Pelo contrário, o sistema requer ações repetitivas e rápidas do usuário. Assim, um sistema interativo não está baseado na espera, mas na constante (re)-ação.

É nesse ambiente tecnocultural que uma comunidade que interagia face a face desenvolve formas de virtualização da interação, organizadas sobre um suporte de afinidade mediada por sistemas de comunicação telemáticos. Uma comunidade:

...pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de 'não-presente', essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda a parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade [...] fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia (LÉVY, 1996a, p. 20-21).

Diferentemente do que ocorre com os meios de comunicação convencionais, de mão única e, por isso, tecnologicamente autoritários, a interatividade sempre pressupõe uma comunicação de mão dupla em tempo real, em que duas inteligências ativas interagem com iguais direitos de livre emissão, recepção e feedback alternados.

Para se obter adesão, interesse e participação dos grupos de alunos, de professores e de funcionários nas organizações de ensino, tanto para ajustar os objetivos quanto para criar compromissos e facilitar a implementação de estratégias, é preciso criar e desenvolver espaços para interações a fim de que as pessoas se envolvam e se comuniquem ativamente.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Partimos do entendimento de que a finalidade da educação é a transmissão sistemática de conteúdos de conhecimentos produzidos e acumulados historicamente pela humanidade e, ao mesmo tempo, a de assegurar aos alunos a apropriação ativa destes conhecimentos para que se possam reelaborar novos conhecimentos, em uma crítica baseada na compreensão científica da realidade (BRZEZINSKI, 1998).

Brzezinski (1998) continua afirmando que:

o contato e o acesso aos conhecimentos são requisitos necessários para prover o homem de condições de participação na vida social, permitindo-lhe o acesso a

cultura, ao trabalho, ao progresso, à cidadania. Dessa forma, o homem está se construindo nas relações sociais, portanto, ele deve ser sujeito-participe de um projeto coletivo que poderá chegar à superação dos condicionamentos que lhe determinam a ação. [...] que o acesso à educação possa libertar, em parte, o homem da dominação que lhe é imposta pela condição de classe.

Um dos principais agentes da transmissão sistemática de conteúdos e conhecimentos é o professor/educador. Isto implica, no reconhecimento de que a formação do professor deverá dotá-lo de condições reais para transmitir, produzir e socializar conhecimentos. Atualmente, segundo Nóvoa (1998) os professores são vistos como pesquisadores; profissionais reflexivos; experimentadores; decisores; construtores de currículo; etc. Porém, o professor é um comunicador, um transmissor de idéias; de ideologias; de conceitos; de informações ou mensagens, em suma, um transmissor de conteúdos e conhecimentos. O papel do educador é transformar conhecimentos em material de ensino e transportá-los para o educando com objetivo de aprendizagem.

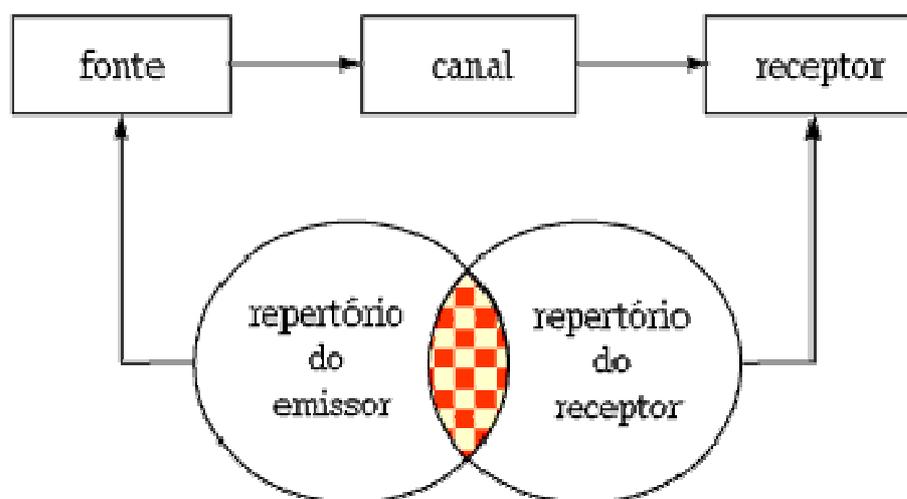
Se examinarmos os recursos utilizados na educação, constataremos uma diversidade de meios. Alguns educadores concebem sua atuação em termos de sala de aula, exposição oral, quadro negro, slides, cadernos, manuais, livros, filmes, música etc. Outros, preconizam as discussões em pequenos grupos, em que o professor assume o papel de animador. Todos esses procedimentos implicam num tipo de ensino baseado na relação “educador-educando”, em que o educador ora atua e interage pessoalmente face-a-face com o educando, ora se comunica com o educando por intermédio do livro, da imagem e etc.

Sejam quais forem os métodos e procedimentos, isto é, meios aos quais recorra, o educador deve necessariamente comunicar-se com o educando. Podemos sustentar que comunicação é educação e educação é comunicação, e que o conhecimento do processo da comunicação é indispensável a quem quer educar.

De acordo com Calabrese (1985), ao estudar comunicação, pode-se, por exemplo, privilegiar o aspecto da emissão enquanto momento no qual se organiza a produção de mensagens de acordo com leis econômicas e se organiza o consumo das próprias mensagens; pode-se, ao contrário, pesquisar o conjunto dos mecanismos psicológicos segundo os quais uma mensagem é produzida na fonte ou recebida no destino; ou, ainda, pode-se estudar a natureza do canal de transmissão e também o aspecto informacional da mensagem, medindo-lhe o quociente informativo; pode-se, também, deter-se sobre o caráter social da própria comunicação, buscando sua contratualidade no seio de um grupo social ou sua relevância com

relação aos valores da comunidade na qual são transmitidas as mensagens ou os comportamentos de emissão e de consumo dos sujeitos sociais em jogo (CALABRESE, 1985, p. 16).

Nesse sentido, os professores precisam, também, conhecer como a comunicação funciona. Um modelo de comunicação, demonstra, quem diz o quê, em que canal ou com que meios, para quem e, com que efeito. O modelo de comunicação face-a-face conforme Teixeira Coelho (1996, p. 198) vinha assim representado graficamente:



Fonte: Adaptado de Teixeira Coelho (1996, p. 124)

A figura demonstra a condição mínima para que uma mensagem seja significativa para seu receptor:

uma mensagem é elaborada pela fonte com elementos extraídos de um determinado repertório e será decodificada por um receptor que, nesse processo, utilizará elementos extraídos de um outro repertório; para que se estabeleça o fluxo de comunicação, para que a mensagem seja significativa para o receptor, é necessário que os repertórios de F [fonte] (i.e., até certo ponto, o repertório da mensagem) e o de R [receptor] sejam secantes, ou seja, tenham algum setor comum. Se os dois repertórios forem exteriores totalmente um ao outro, a informação não é transmitida ao receptor. Por outro lado, se ambos os repertórios forem absolutamente idênticos, recobrando-se perfeitamente, aquilo que chega ao receptor em nada alterará seu comportamento pois necessariamente já é coisa que ele conhece e que, se tivesse de modificar-lhe o procedimento, já o teria feito anteriormente. Casos de repertórios tangentes podem configurar uma situação em que o receptor verá a mensagem como algo intrigante, portanto algo a desvendar (COELHO NETTO, 1996, p. 124).

Nesse sentido, é necessário alguma ordem em um sistema e em um processo de informação para atingir os objetivos e mudar o comportamento do receptor. “Deve-se

observar, no entanto, que o conceito de ordem (e seu oposto desordem) não é absoluto mas relativo.” Isso significa que alguma “coisa está em ordem em relação a outra, e a desordem pode ser desordem a determinado paradigma mas pode ser um outro tipo de ordem, em um outro modelo.” Repertório é um estoque de informações, uma espécie de vocabulário, “de signos conhecidos e utilizados por um indivíduo.” A estrutura é um modelo que permite operações com mensagens. “Sem estrutura não há mensagem ou informação. Por outro lado, uma estrutura sempre existirá numa mensagem (ou em qualquer outra coisa), variando apenas o grau de dificuldade em sua identificação ou proposição” (COELHO NETTO, 1996, p. 122-127).

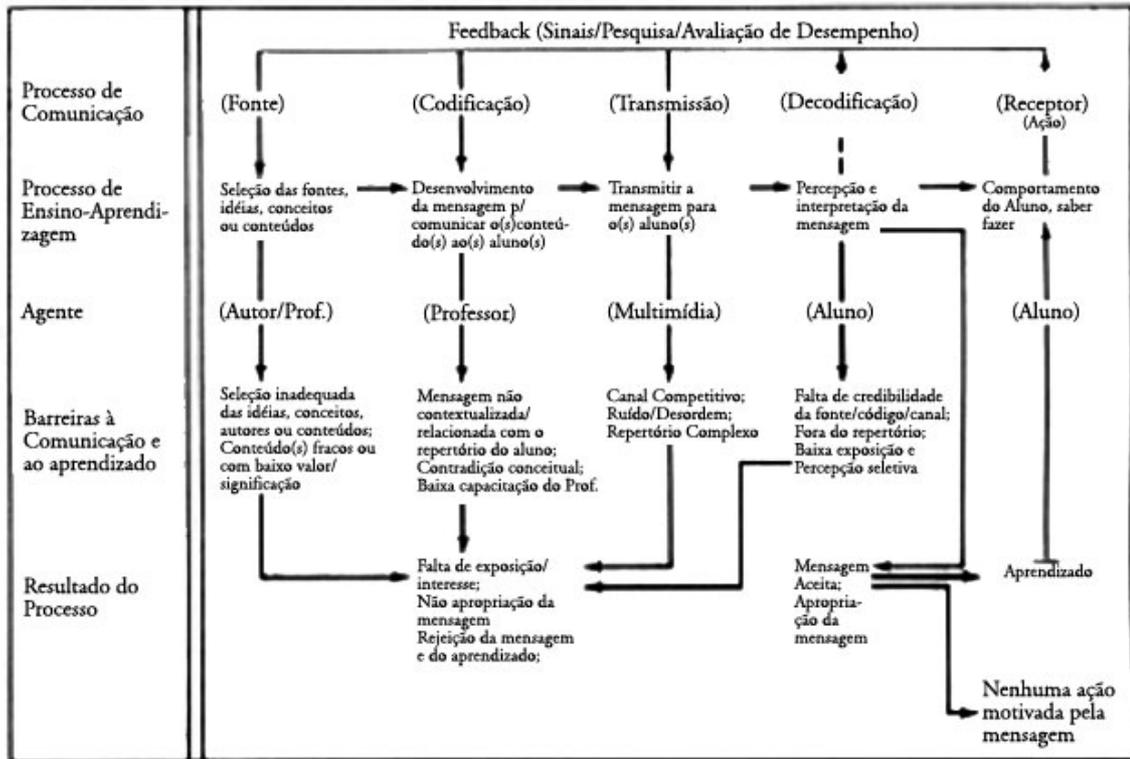
Teixeira Coelho (1996) destaca que, para a mensagem ser significativa, isto é, produzir mudanças no comportamento, dependerá do repertório dessa mensagem pertencer ou não ao repertório do receptor. Em consequência, deve-se fazer a distinção entre repertório ideal e real.

De fato, como a significação de um repertório, para seu possuidor, é função de suas condições de existência, de uma história pessoal, não é afirmação extremada dizer que dificilmente se podem encontrar dois repertórios individuais de idêntica extensão (COELHO NETTO, 1996, p. 124).

A informação tem por finalidade mudar o modo como o destinatário vê algo, exercer algum impacto sobre seu julgamento e comportamento. Nas avaliações, por exemplo, uma prova repleta de divagações pode ser considerada “informação” por seu emissor, mas tido como puro ruído pelo receptor.

Estamos em um universo entregue ao ruído e em um mundo que contém acontecimentos que somos incapazes de decifrar. Graças à redundância, isto é, toda a estrutura de conhecimentos adquiridos anteriormente, podemos extrair uma informação do barulho que nos chega. E a informação é sempre o inesperado que nasce do nosso diálogo com o mundo, e nele sempre surgem acontecimentos que a teoria não havia previsto. Na realidade a teoria da informação lida com a incerteza, pois "a informação ideal é a que tende para um máximo de originalidade, porém, quanto mais imprevisível for, menos será passível de apreensão por um receptor 'médio' para o qual as mensagens surgem sempre como dependentes de uma ordem e para o novo, o original, surge incessantemente com nítidas características de desordem, confusão, 'complexidade'" (COELHO NETTO, 1996, p. 131).

Baseado na estrutura do modelo de comunicação face-a-face podemos desenvolver um modelo para demonstrar como os diferentes elementos (agentes) da relação ensino-aprendizagem interagem para comunicar-se de forma efetiva, isto é, para que haja o aprendizado do educando ao apropriar-se da mensagem, conforme o grafo abaixo:



Num grafo cuja leitura é a seguinte: um educador seleciona ou produz mensagens de uma fonte de informação (repertório), codifica a mensagem, transformando-a em signos, e transmite os signos por um canal (medium, fala, veículo). Um educando (receptor, destinatário) decodifica os signos a fim de recompor a mensagem baseado em seu repertório, isto é, percebe e interpreta a mensagem. Esse processo de transmissão pode sofrer influências e alterações provocadas por uma fonte física de ruídos (elementos perturbadores da forma da mensagem), sujeito a ruídos de tipo semântico, responsáveis pela distorção do significado da mensagem que podem ocorrer tanto no processo de codificação (tradução de uma intenção para uma forma) quanto na decodificação (em que a mensagem pode ser recomposta não com o significado objetivado pela fonte mas segundo o significado que interessa, conscientemente ou não, ao destinatário). O educador percebe e tenta controlar os efeitos causados pela mensagem no educando (destinatário) através da leitura dos signos (sinais, indicativos)

enviados pelo aluno (feedback, retroalimentação), intencionalmente ou não, via pesquisa ou avaliação do desempenho do aluno (prova, por exemplo).

As barreiras à comunicação e ao aprendizado podem ser resumidas para cada fase do processo comunicativo. Na fonte e decodificação da mensagem, uma barreira pode ser como uma seleção inadequada de idéias, conceitos, conhecimentos, conteúdos etc. pelo professor. Conteúdos redundantes e de baixa significação (valor) para o destinatário (educando). A mensagem pode não estar relacionada e/ou contextualizada para o repertório do educando. Na transmissão da mensagem, uma barreira pode ser o tipo de canal (recurso) escolhido para transmitir a mensagem (exposição oral, quadro negro, slides, cadernos, manuais, livros, filmes, música etc.). A barreira de canal, pode, ainda, estar relacionada com a competição, o ruído, o barulho, a desordem (qualidade e quantidade) que dificultam a percepção. Como resultado, o educando (aluno) pode aceitar a mensagem, quando ocorre uma mudança no comportamento e/ou ocorre a apropriação da mensagem (conhecimento) que podemos chamar de aprendizagem. Ele utiliza esse conhecimento recebido reflexivamente. Ou, o educando pode não aceitar a mensagem, ele rejeita a mensagem por falta de interesse ou exposição, não se apropria do conhecimento, isto é, não se utiliza desse conhecimento para seu trabalho, apenas obtêm mais uma informação passivamente.

Assim, nesse modelo, os fatores-chave da comunicação eficaz destacam-se. O educador deve saber quais audiências (educando) desejam atingir e que respostas esperam. Eles codificam suas mensagens de maneira que as mesmas levem em consideração como a audiência-alvo (destino, educando), geralmente, as decodifica. O educador deve transmitir a mensagem (informação, idéias, conteúdo) através de um meio (medium, canal, veículo) que atinja o destinatário, bem como, desenvolver canais de feedback que possibilite obter a resposta do destinatário (receptor, educando) para a mensagem.

Segundo Moles (1974), para que a mensagem produza o efeito desejado, isto é, a apropriação da mensagem pelo educando, o processo de codificação do emissor deve estar relacionado e contextualizado com o processo de decodificação do repertório do educando. As mensagens devem ser familiares ao receptor. Quanto mais o campo de experiência do emissor coincidir com o do receptor, maior será a probabilidade de a mensagem produzir o resultado esperado.

Na ação do emissor (educador) de transmitir sua mensagem até o destinatário (educando) pode haver considerável ruído no ambiente pela exposição simultânea de

múltiplas mensagens. O educando pode não perceber a mensagem pretendida por três motivos: a primeira é atenção seletiva na qual o destinatário não perceberá todos os estímulos. A segunda é a distorção seletiva no qual o destinatário irá perceber somente o que deseja. A terceira é a retenção seletiva, em que o destinatário retém na memória permanente apenas um pequena fração da mensagem decodificada (Moles, 1974, p. 99-179).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem é um ser que fala; é um ser que trabalha e se organiza; pelo trabalho transforma a natureza e a si mesmo ao criar novos instrumentos ou artefatos, isto é, tecnologias. Para completar, devemos enfatizar, ainda, que a ação humana é uma ação coletiva, na qual o trabalho é executado como uma tarefa social e a palavra toma sentido pelo diálogo, pelas interações. Todas as diferenças no comportamento modelado existentes em uma sociedade são resultados da maneira pela qual os homens organizam as relações entre si possibilitando o estabelecimento de valores e de regras de condutas que guiarão a construção da vida sócio-cultural, organizacional, econômica e política.

Em um meio industrializado e pós-industrializado, a instrução é sem dúvida um fator decisivo para o aumento da renda e, por isso, para o desenvolvimento. Com a educação o aluno apropria-se de conhecimentos necessários para criar condições de participação na vida social, permitindo-lhe o acesso a cultura, ao trabalho, ao progresso, à cidadania.

Porém, como pode um indivíduo ser levado a modificar, num determinado sentido, aquilo que sabe, crê, pensa ou faz? Ou em outras palavras, como um indivíduo aprende ou apropria-se de conhecimentos? Não há dúvida de que o aprendizado é resultado de um processo educativo bastante complexo que passa também pelo processo comunicativo.

A aprendizagem se realiza através do relacionamento (comunicação) interpessoal entre alunos e professores, professores e professores, enfim, entre alunos, professores e direção. Cria-se, assim, um ambiente afetivo, comunicativo, responsável, em muitos aspectos, pelo sucesso da aprendizagem. Já o fracasso da aprendizagem, deve-se à falta ou falha na comunicação, pois, sem comunicação não há educação e aprendizado.

Se a noção ou técnica que o educador quer transmitir ao educando é totalmente desconhecida, o processo começará pela tomada da consciência, seguindo pelo despertar do interesse que pode levar o educando a fazer a experiência.

A fase do ensaio (da experiência) só é possível se o educando atingiu um grau de preparação no plano técnico que põe a inovação a seu alcance. De uma maneira geral o interesse de um indivíduo face a uma inovação técnica ou novo conteúdo favorece sua aceitação. A aceitação de uma inovação, por sua vez, está relacionada à significação, ao valor e a utilidade de acordo com seu repertório ou critérios. Porém, esta aceitação não implica somente na adoção da inovação. A aceitação aparece como resultado de um julgamento de valor (KANT, 1991). O indivíduo (educando), depois de pesar os prós e contras, reconhece o mérito do novo conhecimento e a adoção de tal conhecimento só virá em consequência de uma decisão. Ora, a decisão que uma pessoa toma de adotar um conhecimento depende de diversos fatores: de seu status sócio-econômico, do papel que assume em seu grupo, da influência que exerce ou que tenha sofrido, de seu grau de preparação.

Nem todas as atividades (atos) educativas atingem a fase da adoção. As pessoas não aceitam as inovações a não ser gradualmente. Por vezes, a simples tomada de consciência de um aperfeiçoamento possível nesta ou naquela área pode ser um resultado apreciável.

Lúcia Santaella (1991) elaborou um mapeamento histórico das teorias, modelos e tendências das pesquisas em comunicação, permitindo que pesquisadores tenham balizas para suas pesquisas. Santaella (1991, p. 31) afirma: “A meu ver, as teorias, modelos e âmbitos da pesquisa em comunicação se agruparam em quatro grandes tradições: (1) a mass communication research e seus desdobramentos, (2) as teorias críticas, (3) os modelos do processo comunicativo e (4) as correntes culturoológicas e midiáticas.”

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. & MARTINS, Maria Helena Pires Martins. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.

ARISTÓTELES. **Tópicos; Dos Argumentos Sofísticos**. (Trads.) Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. (Os Pensadores) São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ARISTÓTELES. **A Política**. (Trad.) Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. (Trad.) Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENVENISTE, É. **Problèmes de Linguistique Generale**. Paris: Gallimard, 1966.

BRZEZINSKI, Iria. "Notas sobre o Currículo na Formação de Professores: Teoria e Prática". In Raquel Volpato Serbino et al. (orgs.) **Formação de Professores**. São Paulo: Unesp, 1998. pp. 161-184.

- CALABRESE, Omar. **A Linguagem da Arte**. (Trad.) Tânia Pellegrini. Rio de Janeiro: Globo, 1985.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. (Trad.) Roneide Venâncio Majer. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHANLAT, Jean-François. "Por uma Antropologia da Condição Humana nas Organizações." In: TORRES, Ofélia de Lanna Sette. (Org.) **O Indivíduo nas Organizações**: Dimensões Esquecidas. (Trads.) Arakcy Martins Rodrigues et al. São Paulo: Atlas, 1996. p.21-45.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**: Dos Pré-Socráticos a Aristóteles. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, Informação e Comunicação**: Diagrama da Teoria do Signo. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- ECO, Umberto. **A Estrutura Ausente**: Introdução à Pesquisa Semiológica. (Trad.) Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ECO, Umberto. **Tratado Geral de Semiótica**. (Trads.) Antônio de Paula Danesi & Gilson Cesar Cardoso. São Paulo: Perspectiva, 1997a.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- HJELMSLEV, Louis Trølle. **Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem**. (Trad.) José Teixeira Coelho Netto. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. (Trads.) Valério Rohden e Udo Balduur Moosburger. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- KERCKHOVE, Derrick de. **A Pele da Cultura**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- KOCH, I. V. **A Inter-ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1998.
- LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. (Trads.) Fátima de Sá Correia et al. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LARUCCIA, Mauro M. **Da Organização Virtual à Organização Atual**: A Virtualização das Organizações Utilizando as Novas Tecnologias Digitais de Comunicação. São Paulo, s.n., 2002. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- LAUDON, Kenneth C. & LAUDON, Jane Price. **Sistemas de Informação com Internet**. (Trad.) Dalton Conde de Alencar. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Structural Anthropology**. New York: Basic Books, 1963.
- LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**: O Futuro do Pensamento na Era da Informática. (Trad.) Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

-
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** (Trad.) Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996a.
- LÉVY, Pierre. **A Ideografia Dinâmica: Rumo a uma Imaginação Artificial?**. (Trad.) Marcos Marciolino & Saulo Krieger. São Paulo: Loyola, 1998.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad.) Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
- MARTINET, André. **Elementos de Linguística Geral**. (Trad.) Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1967.
- MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. (Understanding Media: The Extensions of Man) São Paulo: Cultrix, 1964.
- MOLES, Abraham A. **Sociodinâmica da Cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: Neurose**. (Trad.) Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- NÖTH, Winfried. **Handbook of Semiotics**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1995a.
- NÓVOA, António. "Relação Escola - Sociedade: 'Novas Respostas para um Velho Problema'". In Raquel Volpato Serbino et al. (orgs.) **Formação de Professores**. São Paulo: Unesp, 1998. pp 19-41.
- PEIRCE, C. Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. 8 vols. C. Hartshorne, P. Weiss e A. Burks (Eds.) Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935-1958. The Collected Papers estão aqui referidos como CP. As referências serão citadas por volume e parágrafo: "CP 5.119 refere-se ao volume 5, parágrafo 119. [MS refere-se aos manuscritos não publicados de Peirce, conforme paginação do ISP, Texas. A referência MS 325, 3 indica manuscrito número 325, página 3].
- PEIRCE, C. Sanders. **Semiótica**. (Trad.) José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PIGNATARI, Décio. **Informação Linguagem Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1986.
- RUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio Sobre a Origem das Línguas**. (Trad.) Lourdes Santos Machado. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- RUSSELL, Bertrand. **História do Pensamento Ocidental: A Aventura das Idéias dos pré-Socráticos a Wittgenstein**. (Trad.) Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTAELLA, Lúcia. **A Percepção**. São Paulo: Experimento, 1993.
- SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.
- SEBEEK, Thomas A. "Comunicação." In: RECTOR, Monica. & NEIVA, Eduardo. (Orgs.) **Comunicação na Era Pós-Moderna**. (Trad.) Monica Rector. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p.50-64.

SHANNON, Claude E. & WEAVER, Warren. **The Mathematical Theory of Communication**. Urbana: Univ. of Illinois Press, 1949.

WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade: O Uso Humano de Seres Humanos**. (Trad.) José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1978.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultura, 1996.